

José Cardoso Pires disse-nos...

L em provas «O Delfim»... Foram duas noites de leitura ardente, onde as palavras, as personagens, o desenrolar rigoroso da história, cultivaram de imagens de uma beleza indelével as horas brancas de madrugada quase sempre rígidas.

Romance extraordinário, há nele não só a marca do verdadeiro escritor: há a marca do verdadeiro homem. O homem que dá ao escritor a verdade da história, que lhe empresta o seu saber, o seu mundo, a sua consciência das coisas. O seu tacto. O seu olfacto. O seu ouvido.

O DELFIM

No princípio era o Delfim... Na cosmografia de Cardoso Pires esta nova figura adquire as dimensões do mito. O Delfim, um engenheiro descendente de lavradores, estabelece a sua trajectória em torno de uma lagoa tutelada e, logo às primeiras páginas, o romance abre com uma legenda que se mantém ao longo de 10 dias a leitura: «Ad Usum Delphinis».

Rememoro o livro, a intriga

po alienado. Física e historicamente alienado. De resto, qual te parece mais importante, o engenheiro ou o «lagaço»? Qual é o verdadeiro protagonista, a lagoa ou o narrador? Não, o que eu quis descrever foi o tempo de um meridiano histórico nas suas abstrações.

ESPAÇO — TEMPO

— E o estilo, este tem novo estilo, inesperado e diferente?
— Ai continua a ser a concepção do tempo que impõe o recorte da prosa, o andamento, como na música. Forma e ritmo, isto é, marcação de tempo, são duas condições determinantes inseparáveis. Gostas de Ornette Coleman?

— Bastante.
— Pois é isso. Ornette Coleman e o free jazz são um exemplo cimeiro, a lição de uma das maneiras de criar.

Cardoso Pires sai por um instante. Volta com um disco LP: Ornette Coleman, «Change of the Century».

— Tocar ad libitum... Escrever ad libitum, ou seja, sem tempo marcado. Quando ouço

provincia... Ainda há dias li um volume sobre actividade artística em Portugal e onde, sei lá, setenta por cento das abonações vinham de autores estrangeiros. E algumas, aqui para nós, eram puramente desnecessárias. Cada vez que vejo isso lembro-me da prosa da Augustina Bessa-Luis. Muito outropud para escondido o fácil. Muita erudição regional. De resto.

Cardoso Pires tem hoje no

(Continua na pág. 6)



As garrafinhas chinesas de Teixeira Gomes

NAS visitas que tenho feito ao Museu Machado de Castro em vão tenho procurado rever a maravilha, ia quase a dizer única, colecção de garrafinhas chinesas de que Teixeira Gomes fez oferta àquele museu, não sei por que motivo de escolha. Percorrendo as suas salas, acabo sempre na decepção de verificar que essa maravilhosa (ia a dizer única) colecção, feita por Teixeira Gomes com tanto interesse e amor, continua oculta. Perguntando uma vez por ela foi-me respondido que estava arcaizada: «A uma — dizia-me o funcionário — por via das obras; há outra, porque então havia quem soubesse daquilo». Mas como quem é vivo sempre dá notícia de si, vim agora a saber que as garrafinhas chinesas de Teixeira Gomes se encontram empilhadas num armário das arcaizadas do Museu, numeradas em etiquetas coladas aos bojos das garrafinhas. Continuam, portanto, in-

visíveis. E há cerca de trinta anos que ali entram.

Se Teixeira Gomes soubesse do destino que foi dado à sua deslumbrante colecção de garrafinhas de simonte por ele compradas em Londres e Paris, porfiadamente durante três anos, decerto havia de sofrer com a sorte que tiveram aquelas preciosas peças da arte chinesa, pelas quais sempre me pareceu marcar uma acentuada preferência, tão viva e real conservava na memória as suas imagens que ao fim de muitos anos de separação as descrevia

leções das mesmas peças que existem no Museu do Louvre (legado Grandidier) e no Museu Cernuschi, a qual está amontoad no desvão do mesmo museu onde ninguém a pode ver e onde muito poucos dos que ali vão sabem do tesouro artístico que lá existe.

Mas, enfim, são sinas, como diz o nosso povo e, neste caso, sinas muito particulares. Estou lembrando neste momento a também extraordinária colecção de faianças de Teixeira de Carvalho (Quim Martins) que eu, por acaso, ainda pude ver es-

por Castelo Branco Chaves

com deslumbrada minúcia em cartas que escrevia.

E, o que é mais, uma de tantas provas da má sorte portuguesa em tudo e que se liga à Arte é esta de haver em Portugal um museu que possui uma colecção de garrafinhas chinesas de simonte superior em número e qualidade às co-

palhada pelo sobrado de uma sala fechada — e para dentro da qual só se podia olhar, indiscretamente, pelo buraco de uma fechadura.

Mas voltemos a Teixeira Gomes e às garrafinhas...

Esta colecção começou a ser (Continua na pág. 2)

COLABORAM NESTE NÚMERO:

- ★ MARIA TERESA HORTA
- ★ CASTELO BRANCO CHAVES
- ★ MARIA DE LOURDES BAPTISTA VIEGAS
- ★ VALDEMAR LOPEZ
- ★ RUI MARIO GONÇALVES
- ★ ALICE GOMES
- ★ FRANCINE BENOIT
- ★ MAURO GAMA

SUPLEMENTO LITERATURA & ARTE

15 DE MAIO DE 1968

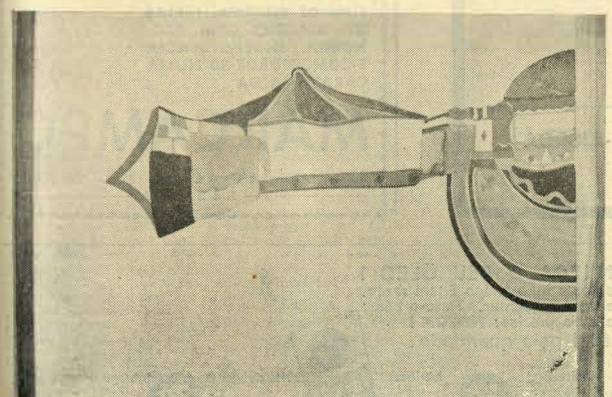
Entrevista por MARIA TERESA HORTA

«Todo este romance é uma recuperação constante da verdade», diz-me Cardoso Pires... Vejo, estou a ver novamente Tomás Manuel da Palma Bravo, engenheiro silvicultor, a chegar a casa no potente «lagaço» e a encontrar a mulher morta, afogada. Quanto tempo dura esta intriga? Duas páginas? O livro inteiro? Sem dúvida que há aqui uma dimensão insólita de tempo e espaço, uma nobreza...

— Uma alienação, diz antes. A personagem principal é tem-

isto penso na maravilha que é o rigor dentro da vertigem. Pronto, não falo mais do Ornette Coleman. Gostaria imenso que a nossa entrevista não tivesse nenhum nome, nenhuma citação estrangeira. É um vício de aldeia esse de se mostrar que se está em dia. Que cá os intelectuais são do grande mundo e não se contentam com a prata da casa. E ou não é assim? Tendo voltar ao «Delfim», mas ele insiste:

— É realmente um complexo de afirmação, uma janotice de



ARTISTAS DE HOJE — Quadro de Nikias Skapinakis (Ler notícia na página 4)

OS MUSEUS REGIONAIS E A SUA MISSÃO CULTURAL

Desde que existem, mau grado todas as deficiências, dificuldades, algum desprezo e até por vezes absurdos entraves, os museus regionais têm desempenhado de certo modo as suas funções e constituem um elemento de cultura viva, que em cada região foi despertando, ou não deixando perder, o interesse pela recolha, catalogação e estudo, tanto de obras como de documentação de várias espécies, em que por via de regra se evidencia o que vai da peça arqueológica e etnográfica aos géneros mais

reputados da arte culta, como a pintura, a escultura e as artes decorativas. Muito do que andava disperso ou abandonado tem-se ido depositando nesses organismos, por vezes em amontoados sem ordem, falhos de instalações e pessoal competente, numa classificação a esmo, mas mesmo assim de efectivo benefício público, desde logo como instrumentos de pesquisa, arrumo e conservação de um património: cuja importância é escusado encarecer.

Devêra a sua fundação, na

maioria dos casos, à iniciativa individual e à devoção de homens apaixonados, que graças ao seu esforçado trabalho e muitas vezes à oferta das próprias colecções, estabeleceram os núcleos iniciais de concentração a que alluiram outros contributos. Foi o chamado carola que meteu ombros às tarefas de pioneiro, e a cujo esforço, mal ou bem, os municípios foram dando auxílio, a pôr esses valores, quanto mais não seja, debaixo de telha,

(Continua na pág. 3)

É CARDOSE... PRECISAVA...

(Continuação da pág. 1)

roto a clariz do canapo. Trabalhou até às quatro da manhã e levantou-se cedo, como sempre. Há nos seus olhos um brilho agudo, cortante. Mas vamos ao que interessa, diz, depois de um silêncio.

— Falávamos do espaço e do tempo na estrutura de «O Delfim».

— Sim... o tempo... Isso vai... nos levar longe. Vai com certeza. Por exemplo, o diacronismo de uma narrativa não se apresenta para mim como uma solução ou como um processo de criar clima. Interessa-me muito mais notar que os romances no intertemporal e de ação suspensa se ajustam melhor a uma sociedade destruída de dentro do que os outros. De todos os nossos escritores o único que trouxe uma contribuição nova nesse capítulo foi Abelina.

A GAFEIRA

«Um miúdo entre dois pólos de ruínas. Nas raízes da aldeia um estemal de grandes rochas registadas no memorial de uma abade cisterciense na linha de montes uma casa destruída sobre a lagoa (pág. 130 das provas).

— Sim, mas a Gafeira não existe.

— Mas há um mapa. Pelo menos falaste-me nele há pouco.

— Foi eu que o desenhei. Servi-me dele algumas vezes, depois deste para aí.

— E o nome?

— O nome tirá-lo de gato, leproso. Posteriormente evitei outro nome de mesma raiz que a palavra real, como a Gafeira, não sei se há alguma terra assim chamada.

— No entanto, dá-nos uma aldeia tão real, tão verdadeira, que custa a acreditar que não existe. Tu situas nela não só as casas, as ruas, a lagoa, que nós conhecemos, quotidianamente, como situas com ela, através dela, a ação do teu romance, a posição das suas personagens, a sua própria posição.

— E tudo tão real, tão do nosso conhecimento diário!

— Será um contado mítico, se quereses. Sabes, não tem como eu que não há na mais real do que a colagem das fragmentações selecionadas. E é isso. Podia até citar um verso teu. Seria uma enternecedora frocde favela.

A JANELA

«Por baixo deste meu pusto sobre a Gafeira, por baixo da lagoa que a dona de casa transformou em sala de jantar e mais fundo ainda, trinta ou quarenta palmas mais fundo, talvez apudados subterráneos (folha Apositiva do diário), apudada, apudada de um tribuno ocupador, Octavius Theophilus, vão consultar. Estou sobre um estário. História Os celiastas e as vivão-de-ivos passagem que sobre ela se (pág. 207).

Debruçadose sobre a secretária, Cardoso Pires empurra papéis, mais do que os arruma.

— Já agora, gostava de te mostrar o relatório da autopsia da Maria das Mercês. De resto não o utilizei, pelo contrário, precisei de tirar à figura o seu aspecto documental. Já vês, uma bérna que morre afogada e é o os cabelos a ondular à

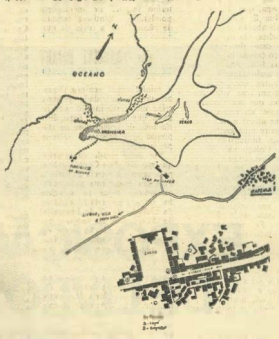
flor da água é perfeitamente impossível. Mas o engano foi intencional.

— A Maria das Mercês... Hesito. Aquela mulher vem dominando a minha memória, encaixando-se no meu pensamento. Personagem quase difusa, quase onírica, às vezes, por ser quando afinal que o escritor quer, fez de segundo plano, fundir: e o contorno de uma pap de ganso espalhada sobre o papel» (pág. 162).

— Tens uma descrição da língua a meio do livro que não parece particularmente feliz. Uma citação da «Memória da Gafeira», do tal abade.

— Que é minha, se dá licença.

— Estou a ver



Mapa da aldeia imaginária da Gafeira, segundo desenho de José Cardoso Pires

Maria das Mercês, contada, tem a forma das verdadeiras personagens, a título do livro para dentro das horas dos nossos dias, a entrar, a interferir nos nossos gestos mais simples: o arranjar de uma jarra; e eis que Maria das Mercês nos aparece afogada na Lagoa, os cabelos espalhados, a flutuar... O fechar dos olhos, um momento, cantados; e eis Maria das Mercês no chão da sala a ver as imagens secas de uma televisão com o som cortado... Hesito pouco, e acabo sem mais nada dizer, por em quanto.

— Lindo. É realmente um mapa de papéis uma fotografia de um «Paguas». Ele é um outro homem encarnar a objetiva, encostados ao espelho do carro.

— E belo, não é?

— Lindo. É realmente um mapa de papéis uma fotografia de um «Paguas». Ele é um outro homem encarnar a objetiva, encostados ao espelho do carro.

— Não responde e o silêncio desce, a cobrir um fim de tarde ventoso e frio, onde uma Primavera insipiente mal se desliza.

— A claridade baixa, vindo através da janela pequena, suas as tons que devem ser claros, das lombadas dos livros, que tapam as paredes até ao tecto.

A LAGOA

«A lagoa, para a gente daqui, que dizer coração, refúgio da abundância. Ode. Ilha. Ilha de água cercada de terra por todos os lados e por espingarda de leis» (pág. 129). «Um viajante que ponha o dedo no mapa do Automóvel Clube vai encontrá-la, mais quilómetro menos, quilómetro, entre a linha azul do oceano e as manchas castanhas dos montes. Se for caçador, melhor, menos esquece porque tem um desenho incon-

— Nenhum dos livros citados existe. Nem o do Abade, nem o «Tratado das Armas» e muito menos o meu «Código de apontamentos».

Riz

— E gostaria bem de avistá-lo. Sempre desiei ver livros escritos por outras pessoas com coisas que eu imagino e que não sou capaz de fazer. Não sentes isso, Teresa? Depois, há certas coisas, certas afinidades inesperadas. Por exemplo, fui encontrar em «Sobre o Lado Esquerdo», do Carlos de Oliveira, uma altitude literária que se toca em muitos pontos com a minha. Talvez por isso, não sei bem... finalmente por que é um livro espantoso de dignidade de officio... Eu sim, por tudo isso, é das coisas mais sérias que a nossa Poesia tem há muitos anos.

Cardoso Pires está agora sentado à minha frente, o rosto embulhado no fumo constante. A voz pausada, profunda, tem o rigor, direi também, o vigor das suas obras. O olhar lícido, permanentemente lícido, que embate nas pessoas entreabrindo-as de súbito, para logo desaparecer dentro dos próprios olhos, do seu olhararrugado de garoto, persiste que desce pelas coisas à procura da verdadeira raiz, encontra-se agora em mim, com aquela cor de amizade que sempre lhe otonici. Sorrimos. A entrevista não avia... as palavras nascem difíceis e o diálogo não se faz; a mim dói a cabeça, a ele dói-lhe a cidade, a obrigatoriedade de estar na cidade. Sempre o conheci com esta sede voraz de liberdade, com esta característico maneira de exigir de si próprio, para si próprio, aquilo que lhe apetece, à custa por vezes de muito. Muita cou-

sa difícil e dolorosa. No seu gesto de levar a chavê cnade chã à boca, há qualquer coisa de desfazado, de chocante. Naquele seu gesto lento, manso, da boca sobre a porcelana. É apenas a memória, a minha memória que me dita o mesmo gesto repetido tantas vezes; que o vi repetir tantas vezes; que com um copo. Afinal José Cardoso Pires não diz bem com os gestos vulgares de um quotidiano vulgar. Eu estou a exigir-lhe um copo, álcool num copo qualquer, que o complete para o meu hábito de amiga de há tantos anos, para a minha memória aciente sobre os gestos que lhe completam um retrato que pensava conhecer, que pensava ter em paz.

— Que raio de vida está! Numa prateleira da estante, mesmo sobre a sua cabeça, está uma bela imagem antiga, de sanitarica, com o seu vestido tecido na madeira, vasto, decorado. Olhando bem, tem afinal um ar de mulher líbrica escondido sob um aspecto de mulher à espera, que desarma.

— Que porcaria!

— As impressões saem-lhe com a violência necessária. Acabo por ir, mas ele não ouve, todo metido dentro de um armário baixo, assim que completa a caxante, que completa a estante caxa, tira à roda da parede. O seu cansaço irritado dá-lhe para não estar quieto. Penso que procura ainda o mapa da Gafeira, mas não dá.

— Queres ver as outras versões de «O Delfim»?

Tenta abrir o embrulho, mas acaba por rasgar o papel lavrado; o papel fino, de loja cara.

— Primeiro esboço... Outubro de 1961.

— Antes da publicação do «Espelho de Jobs»?

— Antes. Fiz este esboço e nunca mais lhe peguei. Tenho dois romances nestas condições, feitos, que nunca mais lhes peguei.

— E isto aqui?

— É a versão antes da definitiva. Ainda teve bastantes emendas, como vês.

— Quantas versões fizeste?

— Cinco. Olha, esta é a primeira, escrita à máquina.

— Mas é muito mais pequena.

— É um esboço. Tem no quarto centena páginas e a versão definitiva umas trezentas e setenta e tal.

— Que existim. Disse, ao menos, tenho eu a certeza... Eis o sorriso, o sorriso que lhe dá à boca aquele jeito característico de ironia, que lhe empresta ao rosto aquela maneira líberina de se disencerto desancado, uma certa primeira vez, aliando-lhe os traços. Talvez esteja menos irritado, mas continua fechado, tenso.

Alis, encontro nele um certo desancado, uma certa tristeza que não lhe conhecia antes. No entanto o seu romance tem a segurança, o peso das coisas definitivas, das coisas elaboradas com as grandes certezas, com as grandes convicções.

Só um escritor que tivesse atingido a plenitude do seu corpo e do seu espírito o poderia escrever assim.

— Enquanto lia o «Delfim», nos poucos momentos em que me conseguia libertar do seu encanto, do seu fascínio, admirava-lhe a coragem. Que é preciso ter coragem para dar um

pontapé numa posição já criada e reconectar tudo... dar uma volta e reconectar uma coisa totalmente nova.

— Achei admirável este teu roman ce, mas não te ptee que o leitor se vá chocho? É na verdade um estilo tão inesperado...

— Achas? A verdade é que quem corre atrás do público nunca se encontra com ele. Não sei se estás de acordo, mas um livro é a trajetória de uma voz pessoal, uma trajetória que vem de outro lado qualquer que o do leitor mas que se choca com a dele. Para ser livro tem de contar com a experiência do leitor e com a capacidade que ele tem de também criar lendo. E isto só se consegue se houver personalidade de cada parte, troca empenhada. Um debate, em certa medida.

— Para mim, o jogo difícil do «Delfim» está no tom de exploração da memória e da biopoesia, mantendo viva e rigorosa a ação.

— Talvez por isso eu lhe devesse ter chamado «Memória Descritiva» em vez de romance, «Memória Descritiva», como na Arquitetura. Reparo que muitas vezes há nele descrições objetivas, com uma preocupação de numeração, de cadastro, etc., que são muito vizinhas das descrições de um relatório técnico.

— A descrição de toda a desestrela no posto de gasolina.

— Essa é de dois exemplos, acho que sim.

O telefone interrompe o silêncio apenas c'orta do pelas nossas vozes. Tem aquele som melíco, estridente, que não deixa nunca de irritar, de perturbar. Fico sózinha na contemplação das coisas que me rodeiam: é tudo simples e sincero, em nada encontro a marca sofisticada do esboço. Os quadros que tapam os bocados nus que a estante deixa da parede, são apenas a necessidade de tê-los, de vê-los, por certo, mais que a exigência decorativa, estritamente que a existência de os mostrar. A secretária direita, eoberta de papéis, de livros, tem aquela desarmadura espontânea do homem instintivo que sempre conheci em Cardoso Pires. Os quadros que tapam os bocados nus que a estante deixa da parede, são apenas a necessidade de tê-los, de vê-los, por certo, mais que a exigência decorativa, estritamente que a existência de os mostrar. A secretária direita, eoberta de papéis, de livros, tem aquela desarmadura espontânea do homem instintivo que sempre conheci em Cardoso Pires. Os quadros que tapam os bocados nus que a estante deixa da parede, são apenas a necessidade de tê-los, de vê-los, por certo, mais que a exigência decorativa, estritamente que a existência de os mostrar. A secretária direita, eoberta de papéis, de livros, tem aquela desarmadura espontânea do homem instintivo que sempre conheci em Cardoso Pires.

Com aquela sinceridade clara, que nunca me chocou, li ou cala e tu me chocou, que exige sem se importar que isso não esteja de acordo com a situação do momento.

Os seus passos são cansados, devagar. No entanto, quando entra, traz um sorriso. Do desculpa pela demora. Sentase à minha frente a fumar o cigarro permanente. Entio tempo de novo:

— Já a Maria das Mercês... — hesito ainda, mas continuo — fizeste com ela uma figura de mulher diferente das tuas figuras habituais. É bela, mas choca-me que a tenhas casado com o engenheiro, não me pa-



José Cardoso Pires dialogando com Maria Teresa Horta

rece que seja a mulher que ele escolheria... parece-me bem diferente desse tipo de mulheres... de senhoras...

— Mas não fiz dele um materialva estúpido, penso eu.

— Não. Mas da maneira como apresentas Maria das Mercês, não me parece... enfim, dá-lhe um papel tão difuso, é de todas as personagens a que explica menos. Enquanto solteira, importante sem diminuir a importância. Mas depois da casada deixa-a sempre em segundo plano, é apenas um objecto decorativo. Porquê?

— É evidente que para um homem como o protagonista, a mulher tem um papel secundário, é um ornato por um lado e por outro um elemento de garantia familiar. Naturalmente que eu pretendi que ela estivesse num plano secundário e apesar de tudo é ela quem acaba por decidir o desfecho da tragédia.

... os dedos pela barba curta, arranjada. Eis outros detalhes que não lhe conhecia. Há um, na sua cara rapada, os seus dedos tinham outro significado.

Agora reparo que é um homem mais velho, este que me apareceu depois do intervalo destes anos em que não me viamos. Apetecou-me perguntar: o que fizeste durante estes anos para te ver assim bebendo chá, cansado, tu que bem sei, preferias estar sempre bebendo e cavaqueando, neste programa de entrevistas, um este anúncio para a tua... um trabalho que te levava a acabar?

... é o tempo — é precisamente a acção desse herói abstracto do Delfim que agora nos apresenta a frente, procurando responder mil questões num curto espaço de tempo de horas.

... ainda presente e que acabou há bocado: — Penso que o tempo de

vida, isto é, o rendimento útil de viver a vida, varia de país para país, de sociedade para sociedade. Portanto o tempo físico, a idade do homem, os anos que o homem gasta a viver, estão relacionados com o rendimento da produtividade. Mas a ânsia de viver, sobzertos condicionalismos pode conduzir à alienação, à mitomania e ess é outro problema de O Delfim. Ao fim e ao cabo tudo está ligado: a paciência de vida e consciência do direito cívico. O Delfim é também o cadastro dos mitos com que se alimenta o indivíduo distilado de função cívica, ou seja, de autoridade social.

— Digamos que às vezes é quase uma história policial... com uma determinada acção que a faz lembrar...

— O que me interessa é disserter a acção, isto é, pô-la em função permanente das relações éticas, psicológicas, etc., que um acontecimento em si sus-

cita. Quanto ao estilo, este romance tem como tu se para-se, uma estrutura diacrónica e eu refiro-me expressamente a isso no decorrer do livro.

Interrompe-se para acender outro cigarro. Novamente o silêncio pesa nos nossos ombros como um fardo e um alívio, ao mesmo tempo. Levo uma das mãos à testa e ele repara, levemente inquieto:

— Que tens?

— Digo-lhe da dor de cabeça, da fadiga.

— Gaita.

Mais uma vez o reconhecimento de interesse pelos seus amigos faz-lhe esquecer os seus próprios interesses.

Depois, continua:

— É um livro feito com um compromisso entre a memória e a imaginação, entre o real e a sua projecção na hipótese, ou antes, em tre o provado e a hipótese.

— Não achas que vai cho-

(Continua na pág. 10)

ENTREVISTA COM JOSÉ CARDOSO PIRES

(Continuação da pág. 7)

car também o leitor a questão da primeira personagem ser o próprio escritor?

— Pois. Os romances na primeira pessoa peçam muitas vezes por uma falsa modéstia com o que o narrador se descreve para angariar a simpatia do leitor. Essa posição desagrada-me até porque empobrece o poder de convicção relativamente às outras personagens.

Batem à porta da pequena

sala, ou do pequeno escritório, se assim o desejarem (para condizer mais com a entrevista). A conversa torna a ser cortada.

— Está lá fora um senhor, à espera.

Levanta-se e sai à pressa. Fico novamente sòzinha, com o crepúsculo já a tomar conta da casa. O crepúsculo a agarrar-se a todos os objectos, a resvalar, a entranhar-se, a adormecer dentro dos frascos de vidro. Pego no álbum que está em cima de uma mesa

pequena, baixa, perto da minha cadeira: «Jodell». Foihei-o devagar, curiosa; é a primeira vez que tenho a oportunidade de ler «Jodell.» Os minutos passam devagar, amolecidos, peganhentos, agarrados uns aos outros. Quando volta, Cardoso Pires traz qualquer coisa nas mãos.

— Queres ver o cartaz do Delfim?

De joelhos, põe o cartaz sobre o tapete. Uma armadura gigantesca, ou melhor, o elmo

de uma armadura gigantesca, onde se desenha este título:

O DELFIM

O senhor medieval está bem expresso no sugestivo cartaz; ao mesmo tempo sóbrio e atraente, dominador

«— Sabes, a figura do engenheiro fascina-me, faz-me lembrar alguns homens da minha família...»

«— Machismo... marialvismo... É isso?»

São pedaços da nossa conversa de há pouco que me lem-

bram agora. Ficamos a olhar o cartaz a nossos pés, presos dele. Depois descobrimos que é tarde e decidimos continuar noutro dia a entrevista. Combinamos tudo em voz baixa, como se defendêssemos alguém do ruído das nossas vozes.

À porta sinto o vento descontrair-se nos meus cabelos, aperto o casaco e recordo ainda:

— Procura o mapa, não te esqueças...

Começa a ser uma ideia fixa em mim, publicar o iti-

nerário de uma aldeia que não existe.

«— A Gafeira não existe.» Mas existe um mapa, através do qual o romancista guiou as personagens.

Antevejo as ruas que ele observou da janela, e ao fundo tudo e todos, a lagoa: **O Delfim.**

Peço-lhe desculpa da «entrevista frustrada». Com a mão no ombro da filha, acena-me da porta, tendo o riso aberto dos dias bons, finalmente. E eu, enquanto procuro um táxi, penso em que mesmo uma entrevista fracassada tem o seu significado e uma sinceridade que talvez — quem sabe? — possa resultar com maior verdade.

Penso nisso. Tentarei. Sim, digo comigo mesma. Vale a pena tentar.

MARIA TERESA HORTA